“Querido irmão, querido Arcebispo Musa,

Saúdo-o cordialmente junto ao Dr. Junge, Secretário Geral, aos vice-Presidentes e aos delegados da Federação Luterana Mundial, e ao mesmo tempo em que agradeço por suas cordiais palavras, congratulo-me pela sua recente nomeação a Presidente.

Juntos podemos fazer memória, como a Escritura ensina, do quanto o Senhor realizou entre nós (cf. Salmo 77,12-13). A recordação vai, em particular, aos momentos que ecumenicamente marcaram o Ano da Comemoração da Reforma, há pouco concluído.

Gosto de pensar sobretudo ao 31 de outubro de 2016, quando rezamos em Lund, onde a Federação Luterana Mundial foi instituída. Foi importante nos encontrarmos, antes de tudo, na oração, porque não é dos projetos humanos, mas da graça de Deus que germina e floresce o dom da unidade entre os fiéis.

Somente rezando podemos custodiar-nos uns aos outros. **A oração purifica, fortifica, ilumina o caminho, faz seguir em frente. A oração é como o combustível de nossa viagem rumo à plena unidade.**De fato, o amor do Senhor, que alcançamos rezando, coloca em ação a caridade que nos aproxima: disto a paciência do nosso esperar-nos, o motivo do nosso reconciliar-nos, a força para seguirmos em frente juntos. A partir da oração, que é “a alma da renovação ecumênica e do anseio pela unidade”; o diálogo “sobre ela se baseia e dela recebe sustento” (cfr Carta Enc. [*Ut unum sint*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html), 28).

**Rezando, podemos cada vez nos ver uns aos outros na perspectiva correta, aquela do Pai, cujo olhar coloca-se amorosamente sobre nós, sem preferências ou distinções**. E no Espírito de Jesus, no qual rezamos, nos reconhecemos irmãos.

Este é o ponto do qual partir e recomeçar sempre. A partir disto olhamos também para a história passada e agradecemos a Deus porque as divisões, mesmo muito dolorosas, que nos viram distantes e contrapostos por séculos, nos últimos decênios confluíram para um caminho de comunhão, no caminho ecumênico suscitado pelo Espírito Santo. Isto nos levou a abandonar os antigos preconceitos, como aqueles sobre Martinho Lutero e sobre a situação da Igreja Católica naquele período.

Para isto contribuiu notavelmente o diálogo entre a Federação Luterana Mundial e o Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, realizado a partir de 1967; um diálogo do a ser recordado com gratidão hoje, cinquenta anos mais tarde, também reconhecendo alguns textos particularmente importantes, como a [Declaração Comum sobre a Doutrina da Justificação](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html) e, por último, o documento “[Do conflito à comunhão](https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/dtpw-from_conflict_to_communion_pt.pdf)”.

Com a memória purificada, hoje podemos olhar confiantes para um futuro, não marcado por contrastes e pelos preconceitos do passado; mas um futuro sobre o qual importa somente a dívida do amor recíproco (cfr Rm 13,8); um futuro no qual somos chamados a discernir os dons que provém das diversas tradições confessionais e em acolhê-los como patrimônio comum.

Antes das oposições, das diferenças e das feridas do passado, existe de fato a realidade presente, comum, alicerçada e permanente do nosso Batismo.

Isto nos torna filhos de Deus e irmãos entre nós. Por isto não poderíamos nunca nos permitir ser adversários ou rivais. E **se o passado não pode ser mudado, o futuro nos interpela: não podemos subtrair-nos, agora, do buscar e promover uma maior comunhão na caridade e na fé.**

**Somos chamados também a vigiar, diante da tentação de pararmos ao longo do caminho.** Na vida espiritual, como na vida eclesial, quando se está parados, sempre se volta para trás: contentar-se, parar por temor, preguiça, cansaço ou conveniência, enquanto se caminha rumo ao Senhor com os irmãos, é diminuir o seu próprio convite.

E para proceder juntos em direção a Ele, não bastam boas ideias, mas é preciso **dar passos concretos e estender a mão**.

Isto quer dizer, sobretudo, **despender-se na caridade, olhando aos pobres, aos irmãos menores do Senhor** (cf. Mt 25,40): são os nossos indicadores preciosos ao longo do caminho.

Nos fará bem tocar as suas feridas com a força curadora da presença de Jesus e com o bálsamos do nosso serviço.

Com este estilo simples, exemplar e radical, **somos chamados, particularmente hoje, a anunciar o Evangelho, prioridade de nosso ser cristãos no mundo**. **A unidade reconciliada entre os cristãos é parte indispensável de tal anúncio:** “Como anunciar o Evangelho da reconciliação, sem contemporaneamente se empenhar a agir pela reconciliação dos cristãos?” ([*Ut unum sint*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html), 98).

No caminho, somos encorajados pelos exemplos daqueles que sofreram pelo nome de Jesus e já estão plenamente reconciliados na vitória pascal. São ainda tantos, nos nossos dias, os que sofrem pelo testemunho de Jesus: **o seu heroísmo manso e pacífico é para nós um chamado urgente a uma fraternidade sempre mais real.**

Querido irmão, invoco de coração para você todas as bênção de Deus e peço ao Espírito Santo, que une aquilo o que está dividido, de infundir sobre nós a sua sabedoria mansa e corajosa. E a cada um de vocês pelo, por favor, rezem por mim. Obrigado!"